

A atuação de Antonio Quinet

The performace of Antonio Quinet

La mise en scène d'Antonio Quinet

Comentário crítico da peça de teatro de Antonio Quinet *Freud e o Homem dos Ratos**.

Noga Wine***



Sabe-se que o conceito psicanalítico mais difundido na cultura ocidental é o complexo de Édipo, cuja matriz remonta ao teatro da Grécia Antiga. *Édipo Rei* narra o destino trágico do herói que, ignorando sua origem, mata o pai e desposa a mãe, cumprindo a profecia que o precede. A peça de Sófocles — primeira da trilogia que inclui *Antígona* e *Édipo em Colono* — inscreve, na cena, a fundação do drama humano.

Desde então, a ligação entre psicanálise e teatro não é acidental: é essencial. Antonio Quinet, que transita com maestria entre esses dois campos, faz do limiar entre clínica e palco um lugar de invenção. Psicanalista, psiquiatra, escritor, dramaturgo, professor e ator, ele articula o caso clínico do *Homem dos Ratos* à teoria lacaniana do “ato psicanalítico”, convidando-nos a

perceber que o verbo *atuar*, em seus inúmeros sentidos, toca igualmente a atuação teatral.

Segundo testemunhos de analisantes, Jacques Lacan fazia uso, em sua clínica, de gestos capazes de atingir o inconsciente com a precisão de um golpe poético. O episódio célebre envolvendo Suzanne Hommel é exemplar: refugiada da Alemanha nazista e ainda perseguida, anos depois, por um medo fantasmático da Gestapo, ela narra que, em uma sessão, Lacan interrompeu a fala para acariciar delicadamente seu rosto, dizendo: *geste à peau*¹. Pela via da homofonia entre *Gestapo* e *geste à peau*, Lacan transfigurou a polícia secreta nazista em um “gesto na pele”, deslocando a paciente do significante que

* Dramaturgia e direção de Antonio Quinet; Teatro Vannucci – Rio de Janeiro, 2025.

** Psicanalista. Professora do CFAR – “Center for Freudian Analysis and Resarch, London”.

ORCID Id: <http://orcid.org/0000-0003-0308-6893>

E-mail: nogawine@gmail.com

aprisionava seu sintoma. Um ato em-cena — uma virada sensível no destino de um sujeito.

Quinet segue essa via aberta por Freud, para quem o inconsciente é “A Outra Cena” (*eine andere Schauplatz*). O dramaturgo-psicanalista insufla vida ao relato freudiano e atualiza, no palco, o espetáculo do inconsciente. Depois de publicar *O inconsciente teatral*, ele radicaliza sua própria tese: dramatiza *O Homem dos Ratos*, encenado magistralmente por Igor Coelho, recriando o espaço onde se jogam os significantes, a transferência e o desejo. No palco, Quinet faz o papel de Freud transformado pelas personificações do paciente Ernst Lanzer, e encarna também as figuras que Lanzer havia projetado sobre o psicanalista. A análise torna-se ato, e o ato, cena.

No tratamento conduzido por Freud Lanzer, advogado vienense, fornecia palavras, expressões, gestos mínimos — elementos que o analista recolhia para tecer cadeias de significantes. Observância rigorosa da associação livre, esta outra forma de lei à qual Ernst, homem do direito, se submeteu. Assim, o relato clínico foi sendo tecido como uma urdidura: Ernst pronunciava os fios; Freud, com eles, trançava a trama.

As palavras alemãs que se cruzam — por homofonia, trocadilhos, usos cotidianos — tornaram-se portais para os pontos nevrálgicos do caso. Freud costurou, em uma mesma rede, ratos, dinheiro, dívidas de jogo, rateio e casamento. E acrescentou ao tecido narrativo a equivalência inconsciente entre dinheiro e excrementos, indispensável para decifrar os sonhos do paciente.

Não por acaso, em várias línguas o verbo *atuar* coincide com *brincar*: *to play*, *jouer*, *spielen*. A duplicidade é reveladora: o inconsciente joga, brinca, desloca; faz da língua uma rede viva. Quinet faz dessa rede uma imagem cênica, evocando Shakespeare em *Hamlet*, quando a verdade é capturada como um peixe raro que só morde a isca da ficção.

Outra articulação inventiva que Quinet propõe é o diálogo entre o caso e o ensaio freudiano *Por que a guerra?* (1933 [1932]), aproximando o tratamento do Homem dos Ratos da reflexão sobre a pulsão de morte. Ao fazê-lo, ilumina um dos pontos mais obscuros e perturbadores de toda a obra freudiana.

Artista e autor inventivo, Quinet mobiliza também o cenário — minimalista, preciso — como extensão do inconsciente. Baldes tornam-se recipientes, depois divã, depois trem; empilhados, são púlpito. Manequins mudam de vestes e de identidade, brincam com personagens, dobram-se em papéis múltiplos.

Mas é o ator, mais do que qualquer objeto ou palavra, quem conduz o texto freudiano do papel ao corpo, e do corpo ao impacto visceral do espetáculo. Ele representa, dá forma àquilo que nossa fantasia costuma velar. Retomando o Seminário VI de Lacan, Quinet captura a carpa da verdade com a isca da encenação.

Notas:

1. Ver, https://youtu.be/EK56SgIn_dA?si=BsunxpD9FKmaxCJK

Citação/Citation: Wine, N. *A atuação de Antonio Quinet. Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 2), p. 121-122.

Recebido em: 03/10/2025
Aprovado em: 28/11/2025